

Puro beletриста não se pode dizer ter sido Euclides. Mas artista literário supremo na sua arte é evidente que foi, superando, nessa sua criatividade artística, a realização científica. Superando-a sem anulá-la. Escrevendo com o cipó da frase de caracterização do estilo de Euclides, atribuída a Joaquim Nabuco, como escritor teluricamente brasileiro, o autor de *Os Sertões* deu tal dignidade a esse simbólico cipó que, com o tempo, só tem feito consolidar-se sua condição de clássico da língua portuguesa, em sua expressão como que tropicalmente, ecologicamente, teluricamente brasileira.

O livro *Os Sertões* é como se aproxima do centenário de sua publicação: como imitação de um clássico literário. Há nele ciência e, por vezes, cientificismo. Mas o que lhe assegura grandeza, na sua sobrevivência, é a expressão artisticamente literária dessa ciência.

É a culminância de uma recorrência na cultura brasileira: a de antecipações pela literatura de obras científicas. Antecipações, por escritores expressivamente literários, de abordagens especializada-mente científicas de grandes temas nacionais.

Dessa antecipação, em termos magnificamente literários, Euclides da Cunha foi exemplo máximo. Isto sem se deixar de reconhecer no antecipador, pela literatura, de cientistas especializados, no trato de assunto eminentemente brasileiro, a presença de um paracientista, com alguma coisa de científico na sua ecologia e na sua geografia. Mas essa presença menor que a do artista literário.

Keyserling, em comunicação memorável ao Congresso de intelectuais reunidos em Buenos Aires, em 1937, fez pronunciamento, para a época, escandaloso: anteviu o desaparecimento de escritores puramente literários do tipo ainda predominante na Europa e na própria América Latina — subtendendo-se, além de Valerys, Rodós e Coelho Neto — e sua próxima substituição por uns como poetas-profetas do tipo de Tagore, Wells, Unamuno, Aldous Huxley. Já o brasileiro Euclides da Cunha se antecipara, em ignorada língua portuguesa, a ser exemplo, na América Latina, dessa próxima substituição. Parece ter faltado, dentre os informantes brasileiros de Keyserling — Graça Aranha, Nazareth Prado, talvez Paulo Prado, entre outros — quem o especificamente advertisse a

esse respeito. Ponto que merece vir a ser considerado por jovem crítico brasileiro — paulista, aliás — Gilberto Vasconcelos, recém-formado pela Universidade de São Paulo e corajosamente empenhado em revisões da história cultural do Brasil, tão deformada por *ismos* ideológicos.

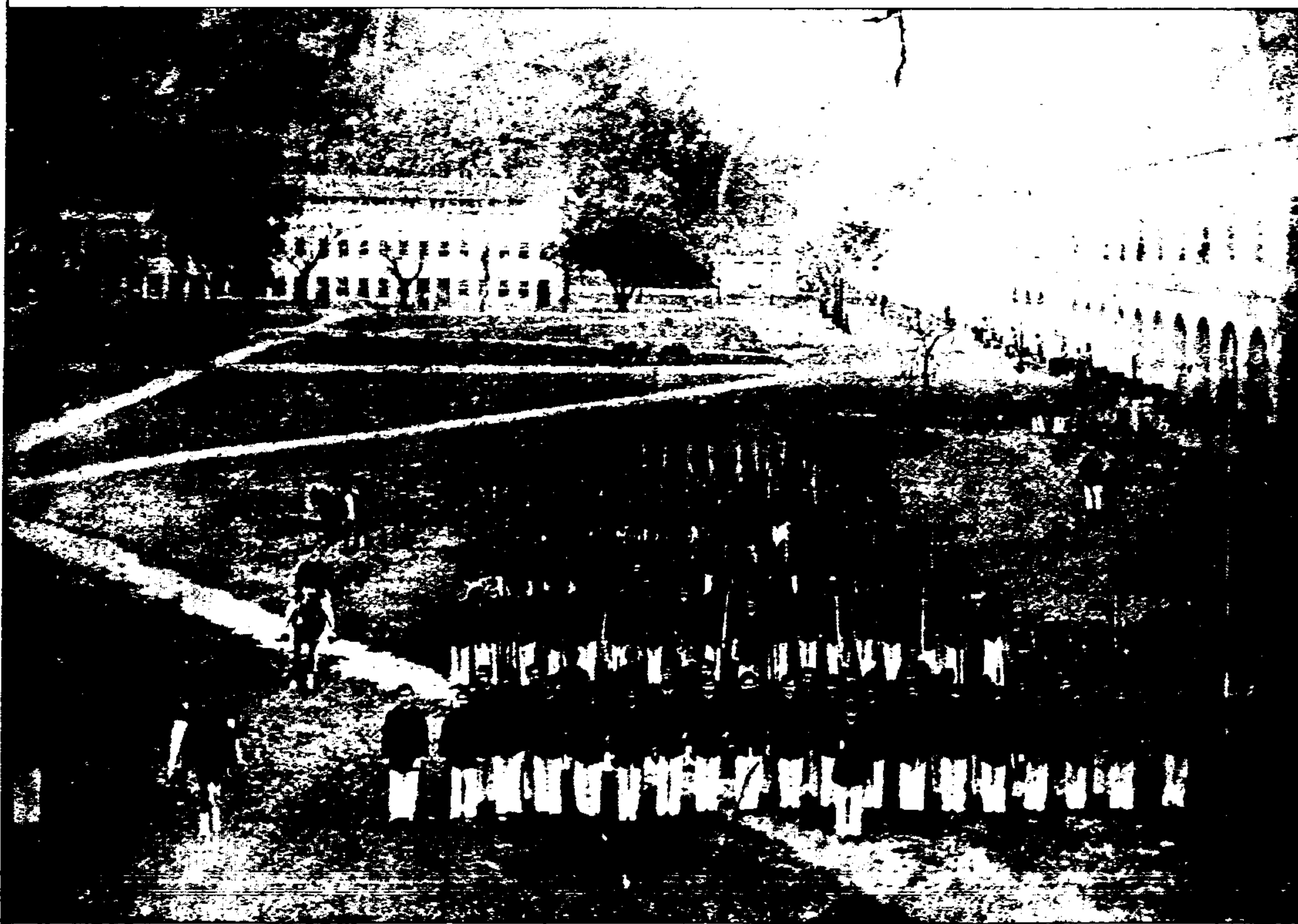
Supremo, no Brasil, como “profeta-poeta” do tipo entrevisto por Keyserling, foi Euclides da Cunha. Supremo neste particular: pela sua personalidade transliterariamente criativa refletida em obra mais que literária. E por esse impacto de sua personalidade, por si só, criativa, realizador de obra fora de esquemas literária ou ideologicamente convencionais, de tal modo se situou, dentro da sugestão de Keyserling: a de ter pertencido ao tipo transliterário de poeta-profeta.

Da cultura coletivamente brasileira antecipou-se, em emergir, ainda o Brasil, colonial, um escultor, singular, sem deixar de ser representativo, como o Aleijadinho. Outros surgiram, nos nossos tempos, também impondo-se por singularidades nos seus

modos de ser representativamente criativos. De modo esplendoroso, acentue-se que Heitor Villa-Lobos.

Mas essas emergências precedidas, em termos já modernos, pela do, como talvez ninguém, paradoxalmente singular na sua maneira de ser representativamente brasileiro, Euclides da Cunha, com seu misto, além de “tapuio, de celta e de grego”, de ciência e de poeta e de profeta, do conceito de Keyserling. Poeta em prosa. Poesia, a sua, keyserlingamente com alguma coisa de equivalente do que, em termos antigos, hoje arcaicos, chamou-se profecia.

Euclides pode ter pretendido mais compor que escrever *Os Sertões* dentro, quase livrescamente, do modelo clássico ou grego. Sucederia, entretanto, ter o assunto, potente e rebeldemente brasileiro, influído sobre esses antecedentes da grande obra, dando-lhe outro caráter: o de obra épica, sim, mas telúrica e ecologicamente brasileira. Este caráter, uma vitória do assunto sobre o autor. E dentro do autor, um triunfo do seu gênio independente sobre opções literárias eruditamente livrescas. Venceu o poeta-profeta.



*A Escola Militar da Praia Vermelha, no tempo de Euclides, que é o quinto da primeira fila, a partir da direita*

